

It's all because of you! Sobre composição, performance, inteligência artificial

It's all because of you! About composition, performance, artificial intelligence



Heloísa de A. Duarte Valente

Universidade Paulista – UNIP, São Paulo (SP), Brasil

E-mail: musimid@gmail.com

Resumo: O surgimento da esquizofonia (Schafer, 2001) trouxe a possibilidade de separar a performance do instante de sua realização, permitindo a repetição ilimitada. A mediatização acústica passou a vincular indissociavelmente performance, escuta e memória. Com o surgimento da inteligência artificial (IA), a natureza da criação desloca seu centro de referência: a música mediatizada não se limita à cópia ou à reconstituição de paisagens sonoras, arranjos e modelos performáticos; passa a permitir a inclusão de novas obras feitas a partir de amostragens. Com isto, o processo de dissociação entre obra e performance amplia as suas possibilidades. Assim, as múltiplas versões desvinculadas do original resultam em situações semioticamente complexas, além de questões éticas (direitos conexos de imagem e à voz etc.). Sob uma abordagem semiótica, cabe analisar em que medida o signo pode substituir o corpo e a voz viva – esta convertida, por sua vez, em signo. Selecionamos o videoclipe *Now and Then*, dos Beatles, e a peça publicitária *Volkswagen: 70 anos – Gerações*, com a participação sígnica de artistas já falecidos, como John Lennon e Elis Regina. Demonstra-se que, por meio da IA, os signos passam a ampliar, postumamente, a vida e a carreira dos artistas.

Palavras-chave: inteligência artificial (IA); direitos conexos; criação; performance; memória midiática.

Abstract: The emergence of schizophonia (Schafer, 2001) brought the possibility of separating performance from the instant of its realisation, allowing for unlimited repetition. Acoustic mediation thus began to link performance, listening, and memory inseparably. With the advent of artificial intelligence (AI), the nature of creation shifts its centre of reference: mediated music is no longer limited to the copying or reconstitution of soundscapes, arrangements, or performative models; it now allows for the inclusion of new works created from sampling. This triggers a radical process of dissociation between work and performance. Consequently, the multiple versions unlinked from the original result in semiotically complex situations, in addition to raising ethical issues (related to rights to image and voice, etc.). Under a semiotic approach, the extent to which the sign can replace the real body and voice must be analysed. We selected *Now and Then*, the Beatles' music video, and the Volkswagen commercial *70 anos – Gerações*, both featuring already deceased artists (John Lennon and Elis Regina). It is demonstrated that, through artificial intelligence (AI), signs come to extend the life and career of artists posthumously. The AI technologies allow the signs to extend the life posthumously.

Keywords: artificial intelligence (AI); related rights; creation; performance; mediatic memory.

Submetido em: 2 de janeiro de 2026

Aceito em: 7 de abril de 2026

Publicado em: junho de 2026

1 *Let it be?* (Introdução)

Em *A Afinação do Mundo*, R. Murray Schafer (2001) alerta que o surgimento da esquizofonia trouxe a possibilidade de separar a performance do seu instante de realização, permitindo a repetição ilimitada, *ad infinitum*. Entre as consequências dessa novidade, criaram-se vínculos inéditos entre performance, escuta e memória. Marcos temporais de natureza musical¹ – e, em particular, de gêneros musicais –, em suas formas de existência mediatizada, passaram a configurar a paisagem sonora², caracterizando determinados períodos históricos de modo claro e marcante³.

Paralelamente, habituamo-nos a estabelecer uma relação direta entre a experiência sensorial e a emotiva na escuta de uma música que se desenrola no tempo. Dependendo das circunstâncias, essa experiência pode inscrever-se na memória coletiva ou individual (Valente, 2003). Dessa forma, uma gravação de *swing* será prontamente identificada com a década de 1940, assim como uma balada lírico-amorosa, de origem anglofônica, das décadas de 1960 e 1970, estará associada ao timbre do órgão Hammond, mesmo que sob uma escuta pouco especializada.

Ocorre, ainda, que, mesmo quem não teve a oportunidade de experimentar um evento diretamente, pode construir uma forma de assimilação dessa memória com base em informações mediadas por terceiros. É comum nos “lembrarmos” de canções e relatos verbais de acontecimentos narrados por pessoas mais velhas. Do mesmo modo, o contato insistente com registros audiovisuais acaba por simular a experiência de ter vivenciado, de fato, momentos pretéritos⁴.

1 Ressaltamos que toda fonte sonora que tenha surgido a partir de então pode-se encampar nessa categoria. Por razões de delimitação deste texto, limito-me aos signos musicais.

2 Cf. Schafer (2001). Entende-se a expressão como um conceito, que pode ser definido como todo e qualquer ambiente acústico, não importando sua natureza – pode ser desde uma composição musical, como a sonoridade de sua realização performática, assim como os ruídos cotidianos dos diversos ambientes (doméstico, de trabalho etc.).

3 Não sendo possível tecer comentários mais extensos sobre esse tema, vale destacar que o mérito de várias obras audiovisuais também se atribui ao emprego desses elementos de forma competente: escolha de repertório de época, arranjos, timbres etc.

4 Entre inúmeros exemplos possíveis, podemos citar o show do grupo Queen, no Rock in Rio, em 1985, Jimi Hendrix incendiando a guitarra Fender, no Finsbury Park Astoria, em Londres, no ano de 1967.

Contudo, com o advento de tecnologias geradas pela inteligência artificial (IA), a natureza da criação rompe seus liames com esses eixos referenciais. À medida que a música mediatizada deixa de limitar-se à cópia, imitação, paródia, remixagem ou reconstituição de paisagens sonoras e modelos performáticos, a IA generativa permite a inclusão de novas obras criadas por meio de um vasto arsenal tecnológico, graças às possibilidades que programas de informática de alto desempenho oferecem. Com base em amostragens de registros de natureza diversa, modelam-se e remodelam-se novos materiais⁵.

Nesse ponto, surge uma camada de intervenções que interfere no estatuto do signo: não se trata mais apenas da captura de sons e imagens e sua manipulação em estúdio, mas de uma operação que sobrepõe cadeias de elementos de maneira não linear e acronológica⁶. Com isto, desencadeia-se um processo de ruptura jamais concebido desde os primórdios dos registros mecânicos. Em consequência, faz-se necessária uma nova formulação analítica que considere o panorama recém-desvelado. A concatenação entre o que existiu de fato e o que “supostamente teria existido” mescla-se em uma série de signos embaralhados, cujas replicações estão longe de serem inofensivas ou neutras. As produções musicais, desassociadas de sua gênese, de seus autores e de seus intérpretes, resultam em um campo de relações complexas que perpassam, em vários sentidos, os limites do ético ao estético.

A título de exemplo, vale mencionar o desconcertante “lançamento” dos tangos *Yesterday* e *Let it be*, hits “de Carlos Gardel”⁷, na década de 1920. De cunho satírico e bem-humorado, este trabalho cuidadoso de um artista provocador e inquieto veio a romper com a analogia que se costumava fazer entre período histórico, gênero

5 Cf. France Presse (2025).

6 É fato que disc-jóqueis e *rappers* já procediam a manipulações em que temporalidades diversas se sobrepunham. Porém, estas se davam a partir do próprio material fonocaptado em discos ou fitas magnéticas.

7 Muito embora haja um grande número de replicações dos vídeos de *Let it be* e *Yesterday*, na plataforma YouTube, a versão tangureira da obra parece ser de autoria do grupo *3 Al Cubo*. As informações sobre o grupo são escassas. Cf. Carlos [...] (2016).

hegemônico no período, obediência ao estilo e ao *som*⁸ – no caso, marcado pelo chiado que se ouve nos fonogramas da época. De fato, para um ouvinte desavisado, a impressão que fica é que as canções dos Beatles, compostas na década de 1960, poderiam ser novas versões de tangos de Gardel.

Considerando-se que as composições, bem como suas performances, não apenas se inscrevem no eixo espaciotemporal, mas também determinam periodizações, as relações simbólicas, envolvendo obra e memória, passam necessariamente por um processo de reconfiguração. Esses saltos abruptos de balizas temporais podem confundir um ouvinte desavisado. Entre as criações de natureza poética e de uma falsa realidade, opõem-se intenções deliberadas, mas também o acaso. Daí a necessidade de exercitar o que Schafer (1991) denominou “audição clara”⁹ da música, em suas diversas versões, sobretudo as mediatizadas tecnicamente (gravações).

Posto isto, cabe retomar algumas das questões que este texto pretende discutir: como caracterizar as práticas de escuta recentes desse repertório, considerando as sucessivas transformações na sua configuração semântica e nos efeitos de sentido gerados? Paralelamente, este admirável mundo novo de signos aponta para questões inerentes a direitos autorais e propriedade intelectual de obras audiovisuais e musicais. Em que medida é possível aceitar a “autoria” quando realizada mediante a intervenção da IA?

A questão suscita muitos debates e ainda estamos longe de ter chegado a um protocolo que estabeleça limites na exploração comercial e artística. De sua parte, o mercado fonográfico, ávido pelos lucros que um novo *hit* possa render, preocupa-se em manter o seu *cast*, viabilizando vendagem e lucro. Cabe indagar, a partir de agora, como lidar com o repertório recriado com base em “restos mortais” de um ídolo falecido. Até onde se presta homenagem?

8 Cf. Delalande (2020). Para o compositor e musicólogo francês, “som” é um conceito amplo, que abarca, entre outras acepções, a qualidade do som mediatizado (as gravações) em sua qualidade acústica, que é de natureza tecnológica e, consequentemente, modificada ao longo do tempo. O “som” dos tangos de Gardel remete à escuta dos discos em 78 rotações.

9 A audição clara (ou “clariaudiência”) consiste em uma habilidade auditiva adquirida por meio de exercícios de percepção e análise dos sons, que compõem a paisagem promovendo uma maior conscientização sobre a paisagem sonora.

Até que ponto os lançamentos de obras “inéditas” não representam valor, senão quando transformados em máquina para produzir mais sucessos – cujo interesse maior reside antes nas implicações de ordem financeira do que artística?

2 *And if I make it through.* Da cova para os alto-falantes

“As vozes ultrarrealistas com IA: como fazer alguém cantar uma música com IA?” (As Vozes [...], 2023). A partir dessa pergunta chamativa, Lucas (sem sobrenome), na página digital *Preguiça Artificial*, explica como criar discursos verbais com base em modelos de vozes faladas. Apresenta um breve relato sobre a transformação das vozes com base na adoção de características que as tornam mais “humanizadas”, capazes de expressar sentimentos e emoções. O programa PlayHT 2.0, que gera vozes robotizadas, rapidamente assimilou modificações, passando a incluir a possibilidade de dublagem para outros idiomas, tomando por base a mesma fonte sonora – ou seja, a mesma identidade vocal, por meio do programa ElevenLabs¹⁰. Se, por um lado, isso facilitou a comunicação entre pessoas que não dominam um mesmo idioma, de outra parte, este ferramental tem a capacidade de gerar discursos sem o conhecimento da pessoa que teve sua voz captada e posteriormente remodelada por computadores, não raro, sem o seu conhecimento ou mesmo à sua revelia. Este tema suscita muitos debates e ainda está sujeito a formas de regulação que envolvem leis específicas, à observância de um código de ética, de modo a assegurar a proteção a direitos conexos à voz e à imagem, entre outros.

Quando, porém, a transcodificação da voz se transporta para o canto, entram em cena outros componentes, para além dos que acabamos de citar: modelos performáticos e outros diretamente

¹⁰ De certa forma, é relativamente fácil operar esses programas, para quem tem alguma familiaridade com informática e alguns requisitos básicos no computador. *Preguiça Artificial* dá as seguintes instruções: “Passo 1: encontre e adicione o AI World Discord ao seu Discord. Passo 2: verifique os modelos de voz para ver se o artista que você deseja está na lista. Passo 3: siga a regra para enviar sua solicitação a um dos IA cantores” (As Vozes [...], 2023). Cf. Disponível em: <https://elevenlabs.io/pt/voice-design>. Acesso em: 23 nov. 2025.

vinculados à imagem do artista¹¹. E esta imagem, como já observamos em outros estudos (Valente, 2003, 2012), também é constituída pela qualidade vocal, pela pronúncia, pelo sotaque, pela gestualidade. Quanto mais esses elementos particulares se repetem, mais facilmente as performances são reconhecidas e os cantores identificados como tais. É o caso de Carlos Gardel, John Lennon, Freddie Mercury e Elis Regina – todos eles carismáticos e falecidos precocemente.

Neste ponto, cabe-nos uma aproximação – ainda que breve – ao clássico *O grão da voz* (1972). Nesta obra, Barthes (1984) analisa aspectos referentes à performance: as qualidades corpóreas da voz que escapam à notação musical. São elementos performáticos (gestos, olhares, movimentos corporais), expressões linguísticas, interjeições (então) que desempenham função primordial na ação comunicativa (Valente, 2012). Quando o “grão da voz” é abatido pelo *software* de simulação pela IA, rompe-se com a inquebrantável união entre corpo e subjetividade do intérprete, a ponto de dar origem a uma fratura epistemológica¹² – um tema de interesse capital para os estudos sobre performance e semiótica musical.

Uma das primeiras notícias acerca do lançamento de “obras inéditas” de artistas falecidos (não “descobertas”, frise-se...) remete a Kim Kwanag-seok, ídolo sul-coreano. Uma matéria publicada pelo boletim *BBC News - Brasil* descreve como a voz do ídolo Kim Kwabg-seok foi reconstituída por um programa de computador:

Para recriar a voz de Kim Kwang-Seok, cantor famoso na Coreia do Sul morto em 1996, foi utilizado um software de inteligência artificial (IA) que foi treinado para reconhecer a voz do cantor. O software teve de assimilar 20 peças do repertório de Kim, perceber como ele falava. Posteriormente, a “voz” passou por um treinamento em mais de 700 músicas (Inteligência [...], 2021).

¹¹ Sem qualquer juízo de valor depreciativo a cantores *backing vocal*, aqui parece não haver maiores inquietações, considerando-se que suas vozes atendem a um modelo específico, segundo os gêneros e estilos musicais (funk, gospel, samba etc.).

¹² Processadores de som, como o Vocoder (originado na década de 1930), utilizado como instrumento musical, ou o Auto-Tune, espécie de “corretor” de afinação, já haviam abalado a natureza da performance. Ocorre que as possibilidades oferecidas pela IA atingem um índice de realismo muito alto.

Essa nova técnica foi se tornando pouco a pouco corrente e vem sendo bem recebida pelos fãs e por aqueles que têm o hábito de consultar trivialidades nas redes sociais. Dessa forma, à medida que o tempo passa, ocorre um progressivo aumento do número de “lançamentos” e esperadas “curtidas”¹³. Não se trata mais de gravações inéditas, restauradas, completadas por parceiros: assemelham-se aos próprios artistas entoando o que jamais cantaram. Todavia, como destacamos neste texto, não o são verdadeiramente.

É fato que os laboratórios que operam tecnologias da IA “invadiram os cemitérios” e “retiraram das tumbas” vários ídolos, muitos deles mortos precocemente e de forma abrupta: Kurt Cobain, Amy Winehouse, Jimi Hendrix, Jim Morrison, John Lennon...

Por se tratar de um tema relacionado a muitas implicações de acesso restrito, sigiloso ou mesmo ilegais, a imprensa logo tratou de publicar notícias e colunas de debates. Em matéria divulgada pela revista *Veja*, em 7 de abril de 2021, questionava-se: “Até onde vale a pena ‘ressuscitar’ os mortos para atender à ânsia dos fãs por material inédito? Temos esse direito? Isso faz sentido?” (Cruz, 2021). De um lado, noticiava-se a recuperação de excertos inéditos registrados pelos cantores, lançando um novo *hit*. No caso de Freddie Mercury, depois de morto, ele teria realizado mais de sessenta “gravações” cantando¹⁴: um repertório de sucessos que notabilizaram outros cantores, cantoras e grupos de música popular – sobretudo rock e pop, além de “parcerias do além” (George Michael, Michael Jackson). Os casos vêm se multiplicando. Ora, se mortos não cantam, somente os seus signos podem se manifestar. O que ocorre nesses casos é diferente. Posto isto, passemos a outras situações em que a IA opera no som e na imagem; ou seja, na produção audiovisual.

13 O termo normalmente utilizado nas plataformas em português brasileiro é substituído, em outros idiomas e no português lusitano, pela palavra “gostei”.

14 O jornal *Visão Regional*, sob o título “IA faz Freddie Mercury cantar 60 músicas que ele nunca gravou. De Adele a Pink Floyd”, apresenta uma lista de sucessos que iconizaram outros cantores, cantoras e grupos de música popular – sobretudo rock e pop, além de “parcerias do além” (George Michael, Michael Jackson) (IA [...], 2023). Cf. (Voz [...], 2023).

3 *It's all because of you*

Este verso da canção beatlemaníaca pode metaforicamente servir de introito sobre as considerações que aqui faremos. É devido ao advento de algumas tecnologias avançadas que corpos podem ganhar realismo, pela voz, atitudes corporais, gestos, expressões faciais. Refere-se a um recurso que uma forma de inteligência, gerada por sofisticados programas de computadores, oferece para síntese de imagens e sons – a denominada IA. Por meio do programa GAN (Generative Adversarial Network, ou rede geradora antagônica), é possível fundir, sobrepor, combinar ou substituir sons e imagens. Trata-se de um *software* capaz de gerar novos signos ou signos replicantes com base em outros preexistentes. Por essa razão, sua aplicabilidade é controversa, dependendo das intenções de seus desenvolvedores, levando em conta seus propósitos. Essa tecnologia foi utilizada tanto na produção do videoclipe *Now and then*, em que participam significativamente todos os Beatles, assim como no filme publicitário da Volkswagen VW 70 anos | *Gerações*, “protagonizado” pelas cantoras Maria Rita e Elis Regina, embora servindo-se de técnicas diferenciadas. O comercial utilizou o *deep fake* para recriar visualmente a cantora; já o projeto dos Beatles empregou algoritmos de aprendizado de máquina para restauração sonora. Examinemos esses dois casos, começando pelo primeiro.

Projeto idealizado e postergado devido a dificuldades técnicas, *Now and then*¹⁵ esperou por cinco décadas até poder ser lançada. Informa a página oficial em que o videoclipe foi lançado que sua existência somente foi possível graças ao sistema de *software* desenvolvido por Peter Jackson e sua equipe, para a produção da série do documentário *Get back*. Para tanto, separaram-se os canais em que foram registrados a voz de Lennon e o acompanhamento pelo

15 Dirigido por: Peter Jackson; produzido por: Peter Jackson, Clare Olssen, Jonathan Clyde; produtores de áudio: Paul McCartney e Giles Martin. Production Company: WingNut Films Productions Ltd. A canção se encontra disponível para escuta em diversas plataformas (YouTube, Apple, Spotify, Amazon, Deezer, Pandora, Tidal). Estreada em 3 nov. 2023, contava com 75.710.984 visualizações em 23 nov. 2025.

piano¹⁶. Dessa forma, a gravação original pôde ser recuperada e trabalhada com todas as partes, com a participação de todos os quatro Beatles – ainda que dois deles já sejam falecidos (John e George). Conclui a nota que o resultado “marca a conclusão da última gravação que John, Paul, George e Ringo estão juntos e celebram o legado da banda mais importante e influente da história” (Peter [...], 2023). Vale descrever a sequência de imagens.

O videoclipe da canção dos Beatles tem como cenário o trabalho em estúdio de gravação, com a inserção de imagens de arquivo antigas e variadas¹⁷. O trabalho de edição mescla gravações recentes, protagonizadas por Paul McCartney e Ringo Starr, com outra mais antiga, em que ambos aparecem mais jovens, além de contar com a presença de George Harrison. John Lennon será sempre a voz acústica que surge quando alguém aciona a tecla *play* no gravador reproduzidor de fitas cassete.

Figura 1 – Now and then



The Beatles - Now And Then (Official Music Video)

Fonte: The Beatles [...] (2023a).
Descrição: Voz acústica de John Lennon.

Uma profusão de cenas se sobrepõem em camadas temporais, inserindo imagens de pessoas por processo de montagem. Decupagens (rotoscopia)¹⁸ de filmagens antigas dos próprios

16 Graças à tecnologia MAL – Machine Audio Learning –, foi possível a separação das partes (desmixagem), possibilitando trazer a voz de Lennon ao primeiro plano (Cf. Disponível em: <https://elevenlabs.io/pt/voicedesign>. Acesso em: 23 nov. 2025).

17 O vídeo *The Beatles – Now And Then – The Last Beatles Song (Short Film)* (The Beatles [...], 2023b) informa que foram utilizadas filmagens inéditas, de *Get Back*, gravações caseiras de Sean e Yoko Lennon, Olivia Harrison, imagens das sessões de gravação de 1995, trechos de *Hello*, *Goodbye* e *Paperback Writer*, entre outras.

18 Segundo informa o vídeo *Now and then – the last Beatles song*, a técnica foi utilizada com o objetivo de separar imagens de arquivo de Lennon e Harrison recortado quadro a quadro para serem posteriormente inseridas e darem a ilusão de interagir no novo cenário de estúdio, ao lado de Paul McCartney e Ringo Starr.

Beatles são inseridos digitalmente no cenário atual, as imagens de Harrison e Lennon – sobretudo este último – se movimentam no estúdio, fazendo gestos e chacota. Não apenas os Beatles participam da peça. Instrumentistas também aparecem em cena; ainda, uma orquestra de câmara, em outro estúdio de gravação. Lennon também circula pelo estúdio, gesticulando e intervindo na performance dos músicos.

Figura 2 – Now and then



Fonte: *The Beatles [...]* (2023a).
Descrição: Imagens sobrepostas dos músicos em várias épocas.

Figura 3 – Now and then



Fonte: *The Beatles [...]* (2023a).
Descrição: Imagem de John Lennon interagindo com os músicos da orquestra.

Mais que uma homenagem bem-humorada aos Beatles, o que essa travessia por um “túnel do tempo” midiático poderia representar? Uma das possíveis interpretações estaria, justamente,

nessa sobreposição de eventos que não coincidem cronologicamente: observam-se imagens dos corpos de cada um dos músicos em diversas camadas temporais (a *demo* de 1977, os registros com a presença de George Harrison em 1995 e os acréscimos posteriores de Paul McCartney e Ringo Starr em 2023.). O trabalho de sequenciamento de imagens e a música geraram um videoclipe que proporciona uma experiência estética instigante, justamente pela montagem de tempos sobrepostos. A canção tem como função ancorar a peça audiovisual, para apresentar uma pequena narrativa, uma historieta que se faz por meio de uma sequência de imagens.

De outra parte, a canção propriamente dita, no conjunto do cancionário dos *Fab4*, não oferece maior importância: apresenta alto índice de redundância, com duração mais longa que o de costume (4'35"); tampouco a letra traz algo de notável. A relevância dessa canção talvez se justifique pela simbologia que esse momento de reunião de todos os Beatles pode representar.

Que mensagens esse videoclipe carrega? Entre tantas observações possíveis, acreditamos que uma delas seria o esforço em promover o *revival* de um período áureo da música popular gravada em disco, além de reforçar a importância dos *Fab 4*, na esfera da música popular e, ainda, reafirmar os vínculos afetivos com os fãs (as manifestações no canal YouTube o atestam). Por fim, trata-se uma espécie de “ajuste de contas”: The Beatles, de fato, acabaram. E, pelo que relatam várias fontes, o desmonte do conjunto não se deu de maneira pacífica¹⁹. Ao colocar em cena aquela que teria sido a última participação coletiva dos Beatles, em que os remanescentes Paul e Ringo rendem homenagem aos companheiros falecidos, John e George, pode-se até conjecturar nesse reencontro, em tom amistoso, uma espécie de elaboração simbólica do luto, pelos fãs. (Isto é apenas uma elucubração da autora...).

¹⁹ Não sendo possível estender maiores comentários, remetemos a publicações da imprensa prestigiada (*BBC*, *Rolling Stone* etc.), aos documentários *Get Back* e à obra de Hunter Davies (*The Beatles: The Authorised Biography*, Londres: Ebury Press, 2009), que apontam, entre as razões do rompimento, a morte do empresário Brian Epstein, seguida de tensões no ambiente de gravação e divergência nos projetos individuais de cada um dos integrantes do grupo.

O próximo exemplo pretende levantar algumas questões sobre o que pode acontecer quando performances entre vivos e mortos extrapolam os palcos para penetrar no universo da publicidade (e os inevitáveis interesses comerciais e financeiros).

4 Das coisas que aprendi nos discos...

Em meados de 2023, uma campanha tomou de assalto as redes de televisão, propagando-se para as diversas plataformas digitais: a campanha em comemoração pelos 70 anos da Volkswagen, no Brasil. A peça publicitária²⁰ objetivava mostrar as várias gerações de pessoas e de automotivos Volkswagen que compuseram uma “linda história”²¹. A intenção da empresa seria promover um “encontro tão emocionante quanto o longo caso de amor entre a Volks e os brasileiros” e, claro, já acenando para os anos vindouros e para os lançamentos que viriam. Relata Barbara Sacchitiello, repórter da revista *Meio & Mensagem*, que o tema teria sido solicitado à AlmapBBDO, agência de publicidade que presta serviços à Volkswagen. Além do tom memorialista, a empresa necessitava reiterar “seu compromisso com o futuro” (Sacchitiello, 2023). A repórter entrou em contato com Marco Gianelli (Pernil), o *Chief Creative Officer* (CCO) da AlmapBBDO. Assim foi apresentada a escolha:

Pensamos que era preciso algo que resgatasse o passado, pois nenhuma outra marca de carros tem esse poder de mexer com a nostalgia. Afinal, quem não tem alguma história ou alguma lembrança com um Fusca, uma Brasília, uma Kombi? [...] Aí, pensamos: e se juntarmos a maior voz que esse País já teve, que marcou toda uma geração, uma mulher magnífica, com sua filha, também maravilhosa, e que está aí, dando continuidade ao seu legado? (Sacchitiello, 2023).

20 VW 70 anos | Gerações | VW Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aMI54-kqphE&t=2s&ab_channel=VolkswagendoBrasil. Acesso em: 23 nov. 2025.

21 Não sendo possível estender outros comentários, cf. Nunes, Campiglia e Abrão (2024). Enfatizam os autores que “linguagem publicitária, majoritariamente, ergue imagens de felicidade. Nesse filme, as escolhas realizadas para testemunhar uma época constroem um passado idealizado, feliz, alegremente nostálgico, evocado nas vozes que narram o que aconteceu outrora” (Nunes; Campiglia; Abrão, 2024, p. 166).

No entendimento do CCO, frases como “Viver é melhor que sonhar” e “O novo sempre vem”, da canção de Antônio Carlos Belchior (1946-2017), reuniam os elementos da mensagem que a marca gostaria de reiterar. De acordo com a campanha, a peça publicitária tinha como meta registrar os setenta anos da Montadora, mostrando uma sequência de gerações que utilizavam os produtos automotivos Volkswagen, ilustrando o longo caso de amor entre a Volks e os brasileiros. Vários personagens encenam acontecimentos de décadas passadas, com a participação dos automóveis da Volkswagen não apenas em momentos memoráveis, mas também no cotidiano das pessoas. Até aqui, estaríamos tratando de uma campanha publicitária convencional, não fosse a inclusão de pessoas públicas e famosas: as cantoras Maria Rita e a mãe falecida, Elis Regina Costa Carvalho (1945-1982), um dos maiores ícones da música popular brasileira, além de Belchior, autor da canção que foi utilizada como trilha musical sobre a qual se baseia o roteiro. Passemos a uma sequência sumária do roteiro²²:

Figura 4 – Volkswagen 70 anos (campanha publicitária)



Fonte: VW [...] (2023).

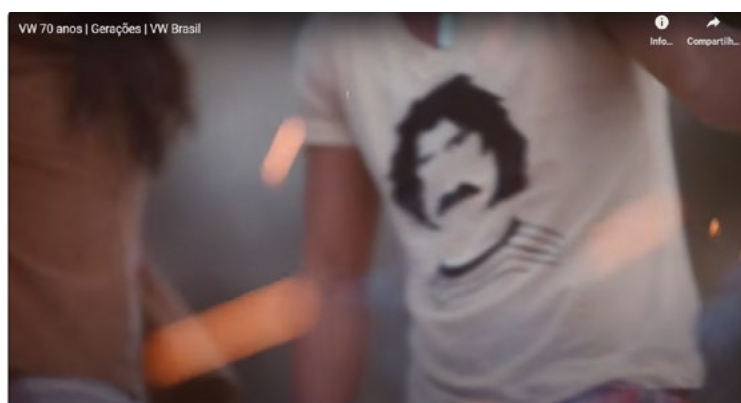
Descrição: Recriação do corpo de Elis Regina por Inteligência Artificial.

Duas motoristas se cruzam na estrada, em um dia de céu limpo e sol brilhante: Maria Rita, ao volante, entoa “Como nossos pais”, de Belchior. Sucedem-se imagens “de arquivo” com a participação de

²² Não incluí todas as tomadas de cena, mantendo o essencial para os propósitos da presente análise. A peça publicitária em sua íntegra se encontra no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=aMI54-kqphE&t=2s&ab_channel=VolkswagendoBrasil. Acesso em: 23 nov. 2025.

anônimos: um Fusca azul escuro em uma praia, pessoas no interior de uma Brasília amarela, na intimidade. O mesmo acontecendo em uma Parati e em um Fusca verde; uma Brasília amarela cheia de instrumentos musicais cruza a estrada²³. Novamente, Maria Rita surge em cena, no ID.Buzz – a versão atualizada e elétrica da tradicional Kombi. Logo em seguida, uma Kombi, dirigida por Elis Regina – na realidade, a atriz Ana Rios, com seu rosto substituído pela técnica *deep fake* –, entoa a mesma canção²⁴. Ambas se entrecruzam cantarolando o *hit* de Belchior. As cenas subsequentes mostram as duas cantando, trocando olhares e sorrisos, cada uma ao volante de seu automóvel, como se estivessem compartilhando algo em comum, em tom de cumplicidade.

Figura 5 – Volkswagen 70 anos (campanha publicitária)



Fonte: VW [...] (2023).

Descrição: Referência a Belchior, compositor da canção (trilha musical).

Referências a Belchior, compositor da canção, estão presentes, como o rosto do cantor na camiseta de um personagem em um dos cortes da cena principal. Novamente, o ID.Buzz com Maria Rita e Elis Regina com a Kombi. Seguem-se outras cenas na estrada, no campo, até o plano geral enfocar o pôr-do-sol. Uma locutora pronuncia a frase e assinatura da campanha: “O novo veio de novo” (VW [...], 2023). Apresentam-se os produtos lançados pela

²³ Referência direta a “Pelados em Santos”, dos Mamonas Assassinas.

²⁴ Para a realização desse trabalho, foi empregada a tecnologia *Deep Fake* em modo mais avançado, usando o capturador GAN (Nunes; Campiglia; Abrão, 2024, p. 180).

montadora e o *slogan* da empresa: “Volkswagen 70 anos. Sucesso que passa de geração em geração” (VW [...], 2023).

Entendemos que a eficácia da peça publicitária tentou se justificar, em grande medida, pela sua capacidade de engendrar (e não apenas relembrar) memórias:

Como texto cultural midiático, o filme publicitário produz memórias, forma-se graças aos códigos verbais, sonoro-musicais, visuais, rítmicos, cênicos, plásticos, fotográficos, acrescido dos códigos próprios à IAG. Configura-se heterogêneo e complexo. A memória, como processo comunicacional sociocultural afetivo (Nunes, 2019) ou como energia (Assmann, 2011) gera lembranças, por seu turno, montagens resultantes tanto da tradução intersemiótica entre os sistemas sógnicos envolvidos – o que dá ao texto cultural midiático sua função comunicativa e de memória (Lotman, 1996) – como da intencionalidade da sociedade que produziu e conservou determinadas lembranças para testemunharem certos momentos históricos (Nunes; Campiglia; Abrão, 2024, p. 166).

Logo após o lançamento da campanha, surgiram mais de 7000 comentários²⁵, muitos deles de pessoas “arrepiaadas” por reviverem o passado trazido à tona em tom nostálgico; a comoção brotava da lembrança de pessoas falecidas que eram fãs de Belchior ou que tiveram algum modelo da Volkswagen; além, é claro, de referências ao talento de Elis Regina. A despeito do caráter saudosista e das aparentemente boas intenções, a peça publicitária aponta para muitas outras perspectivas de análise que colocam em xeque a inocência das imagens encadeadas, bem como um equívoco – ou, ao menos, um mal-entendido – a respeito da escolha da obra de Belchior para representar a Volkswagen.

25 Na época, o vídeo alcançou 33.553.090 visualizações (em 3 de jul. de 2023). #VWBrasil #VW70.

5 Nossos ídolos ainda são os mesmos?

Uma matéria apresentada pelo Jornal da Tarde, da *TV Cultura* de São Paulo, de 6 de julho de 2023, apresenta comentários sobre a campanha da Volkswagen²⁶: Elis Regina haveria sido trazida de volta ao mundo dos vivos por meio da IA com a autorização dos herdeiros, o que faz com que a propaganda não tenha sofrido impedimentos legais. O caso coloca luz sobre algumas questões trazidas pelo uso dos recursos da IA: limites técnicos, éticos, direitos de imagem. Esse caso, que gerou bastante alarde, acabou sendo objeto de uma legislação específica para situações similares²⁷.

Não obstante, é preciso avançar para acompanhar a quebra de paradigmas trazida pelas inovações tecnológicas e suas consequências. O caso da campanha da Volkswagen e a apropriação de uma Elis Regina “ressuscitada”, por meio do uso da sua imagem (corpo e voz), teria, de fato, a intenção de prestar uma homenagem? Ou, como preferem outros, seria mais uma forma de favorecimento financeiro de terceiros, sem que a prestigiada cantora pudesse opinar a respeito? Essa peça publicitária suscita várias questões delicadas²⁸.

O jornalista e crítico musical Régis Tadeu destaca que a empolgação causada pela peça publicitária não poupa ressalvas ao “comercial”. Para além da primeira leitura da peça publicitária, a emotividade evocada deveria ser logo suplantada pelo senso crítico. Houve uma apropriação completamente improcedente na escolha. “A canção do Belchior não é uma ‘fofura’ que retrata o reencontro de gerações” (Elis [...], 2023), adverte o jornalista. Ela diz exatamente o contrário. É uma crítica ácida à juventude que passou por tantas oportunidades de mudança, mas que acabou fazendo tudo igual aos seus pais – ou seja, vive o conformismo; a

26 20.827 visualizações em 6 de jul. de 2023 #JornalDaTarde #JT.

27 PL 2338/23 (Marco Legal da IA) “Lei Elis Regina” (PL 3592/23), aprovado pelo Senado Federal em 10 de dezembro de 2024. O Projeto de Lei, de autoria do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD/MG), foi aprovado pelo Plenário do Senado em dezembro de 2024 e, atualmente, está em tramitação na Câmara dos Deputados, onde é analisado por uma comissão especial (Nogueira; Braga, 2024). O projeto se encontra em tramitação na Câmara dos Deputados, a ser analisado por uma comissão especial.

28 Aqui, cabe ressaltar que o trabalho de Peter Jackson usou a IA como instrumento de recuperar a fonte (voz de Lennon), já a peça publicitária se valeu da tecnologia como “necromancia”. No primeiro caso, trata-se de trabalho de estúdio, ao passo que, no segundo, de IA generativa.

desilusão. A mensagem que a canção de Belchior traz seria outra: a arte não é para viver de ilusões.

Acrescenta outro jornalista, Júlio Ettore (Ela [...], 2023): há várias mensagens nos versos apontando nessa direção: o jovem dizendo a seu interlocutor que viver é melhor que sonhar (aquilo que aprendeu com os discos): “Qualquer canto é menor que a vida de qualquer pessoa” (o que se vive nos sonhos e a realidade concreta, a pobreza). “Já faz tempo eu vi você na rua, cabelo ao vento, gente reunida” é uma referência às prisões dos jovens que atuavam contra o regime militar (Ela [...], 2023). Houve descontextualização do sentido original da letra de Belchior, com o objetivo de lançar uma nova versão da velha Kombi, apelando para uma resposta emocional por meio de uma canção bastante lembrada e famosa. A peça ultrapassa os limites que delimitavam a maneira de se fazer publicidade, mas também os princípios de natureza ética, conclui Ettore.

Dito de outro modo, a presença de artistas falecidos no contexto midiático e publicitário (como a Elis Regina e o Belchior no comercial da Volkswagen) transforma suas figuras em mitos contemporâneos – tomando de empréstimo as ideias de Barthes (1987). Na concepção do autor, o mito opera como uma metalinguagem, esvaziando a figura do artista ao despolitizá-lo, colocando-o como signo “atemporal” unindo gerações, camuflando a motivação comercial e as contradições históricas de engajamento político da cantora. Caberia analisar como a IA é usada para banalizar uma ideologia: Elis está ali, presente, e a tecnologia “conecta” gerações. A motivação comercial aparece de maneira camuflada. O Conar reagiu imediatamente: “o conselho de ética do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar), a partir de queixas como as que vimos de apontar, abriu um processo para avaliar se o comercial feria o código de ética da instituição”, conforme relata o jornalista Felipe Cruz (2023).

Não obstante, o processo foi indeferido. O pronunciamento do Conar assim decidiu: “o colegiado considerou, por unanimidade, improcedente o questionamento de desrespeito à figura da

artista, uma vez que o uso da sua imagem foi feito mediante consentimento dos herdeiros e observando que Elis aparece fazendo algo que fazia em vida” (Cruz, 2023). Ademais, a peça publicitária, ao promover uma “viagem nostálgica proporcionada pela IA, teve o mérito de reavivar a memória musical de Elis, ampliando seu apelo junto à nova geração” (Cruz, 2023). Em outros termos, não foi observado o questionamento vindo por parte de várias pessoas, alegando que o uso da pessoa pública de Elis Regina estaria enaltecendo, indiretamente, uma empresa que apoiou a ditadura militar, desrespeitando, assim, sua honra. O consentimento dos herdeiros não parece garantir que, se viva estivesse, Elis Regina teria concordado com um contrato dessa natureza. Há de se recordar que a cantora apoiou movimentos sindicais contra a Montadora. Se assim o é, trata-se de uma homenagem às avessas...

Ademais, um item que não entrou em pauta diz respeito aos interesses financeiros dos filhos, herdeiros de Elis Regina. Ainda que as intenções sejam as mais altruístas, não há indícios de que os valores de uso da imagem de corpo e voz arrecadados tenham sido direcionados a alguma instituição beneficente. Concomitantemente, esse fenômeno levou as gravadoras a reagirem, no sentido de preservar seus interesses empresariais: impedir que as criações por IA, com base em fonogramas, tenham continuidade, justamente sob a alegação de violação de direitos autorais.

Por fim, as questões referentes à memória merecem ser postas. “Nossos ídolos ainda são os mesmos”, como afirma a letra de Belchior? Em que medida Elis Regina já teria sido esquecida? Teria, de fato, existido midiaticamente apenas enquanto era viva? Essas indagações podem ser estendidas aos demais casos citados: Carlos Gardel, John Lennon, Freddie Mercury, Kim Kwang-seok e Belchior, aqui tomado também como autor da canção, convertida em trilha musical da peça publicitária. É certo que uma obra possa passar por processos de “nomadismo”, gerando novos resultados de releituras diversas (Valente, 2003). O caso de Gardel, interpretando canções dos Beatles, é um exemplo bastante expressivo. Sob o aspecto da recepção, concordamos com Nunes, Campiglia e Abrão

(2024, p. 170) ao considerarem que as formulações tecnológicas “constroem memórias e ou formas de esquecimento para serem consumidos midiática, simbólica, afetiva e socialmente”.

6 *And now, and... then?* Existência midiática da música em plataformas (Considerações finais)

Cabem algumas observações finais sobre os meios mais frequentes de circulação dos signos musicais, nos últimos anos: as plataformas midiáticas. Lúcia Santaella (2023) destaca algumas consequências – “efeitos colaterais”, segundo a autora – advindas da aliança da IA com as denominadas *big techs* Amazon, Facebook, Twitter e suas “amaziadas” (Whatsapp, Instagram, YouTube): todos os nossos rastros são acompanhados por meio dos algoritmos com propósitos mercadológicos. Considerando-se que o meio predominante de escuta de música se dá prioritariamente por meio do aplicativo Spotify, abre-se a possibilidade de descobrir novas obras e artistas, que são sugeridos mediante um sistema de recomendação acionados por algoritmos de IA. Esse processo, entretanto, dá-se por meio de um mecanismo contraditório. No dizer de Santaella (2023):

[...] por ser invisível, torna-se ainda mais contraditório. Trata-se da maneira como os sistemas de recomendação acabam por enclausurar o usuário dentro de “bolhas” que, sob o disfarce do novo, devolvem-lhe sempre o mesmo. Contradição ainda maior é que a mesmice agrada, porque o ser humano é, por natureza, hemofílico, só gosta daquilo que funciona como seu próprio espelho. O poder da crença – em uma ideia, religião, afinidade política e afins – sempre existiu. Contudo, devido à nossa nova existência nos ambientes em rede e tendo em vista os sistemas de recomendação, esse poder, também chamado de viés da confirmação, fica intensamente amplificado, em especial porque passamos a ser monitorados por algoritmos de IA que, progressivamente, sabem mais de

nós do que nós mesmos e apenas nos enviam aquilo que sabem e adivinham que queremos e gostamos (Santaella, 2023, p. 24-25).

Dessa forma, uma vez que os algoritmos de IA tenham registrado que o ouvinte apreciou um determinado artista, gênero ou tema, recomendações aparecerão de modo desenfreado: novos lançamentos de *hits* que Freddie Mercury ou Michael Jackson jamais gravaram poderão constar em uma listagem que se multiplica *ad infinitum*, que incentivará os criadores de sucessos de artistas-fantasmáticos a gerarem “novos sucessos” ...

Não fosse o bastante, o *hit parade* passou a contar com a participação de artistas robôs – a bem da verdade de “*prompts* de comando” – com “talento” capaz de aferir muitos pontos. Tal discrepância levou a plataforma Spotify a elaborar novas regras sobre seu uso, bem como penalidades legais²⁹. Ao fim e ao cabo, o que se verifica é que a cultura midiática, agora com o apoio da IA, está apta a ampliar suas formas de existência como signo de maneira jamais inusitada. Tal como as Moiras da mitologia grega – Cloto, Láquesis, Átropos –, tecem o fio da vida, cuidam da extensão do fio e o cortam – podendo ressuscitá-la novamente.

Enquanto se colocam em pauta problemas como direitos conexos ao corpo e à voz, sob os olhos da lei, de outra parte exaltam-se valores como a preservação e a sustentação da memória de artistas mortos a partir de signos gerados por máquinas e tecnologias inteligentes. Signos que se desdobram, em uma sucessão de cadeias contínuas. E, como se isto não fosse suficiente, plataformas como Suno AI e Udio são capazes de gerar composições completas (com instrumentação e tratamento de estúdio) a partir de comandos de texto (*prompts*).

Caberá, ao fim e ao cabo, encontrar o que restará do referente; ou seja: do artista e da obra, vampirizado (em seu corpo e

29 Na normativa incluem-se os perfis invadidos (materiais gerados por IA de propriedade de artistas reais, vivos ou não); artistas fantasmas, além de fraudes (roubos de fragmentos, *demos*), assim como “fazendas de robôs” ouvintes, promovendo o ranking de algumas listas de reprodução (Spotify, 2025a, 2025b).

alma). Trata-se, pois, de um debate de natureza semiótica que ainda se encontra em sua fase inicial.

Referências

AS VOZES ULTRA REALISTAS com Inteligência Artificial. [S. l.: s. n.], 3 nov. 2023. 1 vídeo, 11 min 52 s. Publicado pelo canal Preguiça Artificial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ov4MnuhiGOE>. Acesso em: 7 jun. 2026.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1987.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1984.

CARLOS Gardel – Lei it be (cover). [S. l.: s. n.], 5 fev. 2016. 1 vídeo, 1 min 36 s. Publicado pelo canal 3 Al Cubo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=is1WO2RYTO8>. Acesso em: 23 nov. 2025.

CRUZ, Felipe Branco. A decisão do Conar sobre comercial que reviveu Elis Regina. **Veja**, 25 out. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/a-decisao-do-conar-sobre-comercial-que-reviveu-elis-regina>. Acesso em: 23 nov. 2025.

CRUZ, Felipe Branco. Inteligência artificial ‘resuscita músicos e provoca debate. **Veja**, 7 abr. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/inteligencia-artificial-ressuscita-musicos-e-provoca-debate/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

DELALANDE, François. The invention of sound. **Revista MusiMid**, v. 1, n. 1, p. 71-81, 2020. Disponível em: <https://revistamusimid.com.br/index.php/MusiMid/article/view/5/6>. Acesso em: 23 nov. 2025.

ELA critica a juventude dos anos 70: a história de “COMO NOSSOS PAIS” (Belchior / Elis Regina). [S. l.: s. n.], 17 jul. 2023. 1 vídeo, 14 min 54 s. Publicado pelo canal Júlio Ettore. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yZduUKOWvoY&ab_channel=J%C3%BAlioEttore. Acesso em: 23 nov. 2025.

ELIS Regina - Como nossos pais - Comercial. [S. l.: s. n.], 12 jul. 2023. 1 vídeo, 18 min 47 s. Publicado pelo canal Regis Tadeu. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1y3lshAnwNk&ab_channel=RegisTadeu. Acesso em: 23 nov. 2025.

IA faz Freddie Mercury cantar 60 músicas que ele nunca gravou. **Visão Regional**, 16 maio 2023. Disponível em: <https://visaoregional.com.br/2023/05/16/ia-faz-freddie-mercury-cantar-60-musicas-que-ele-nunca-gravou-de-adele-a-pink-floyd/>. Acesso em: 23 nov. 2025.

INTELIGÊNCIA artificial “ressuscita” voz de cantor morto em 1996. **BBC News**, 15 fev. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/bbc/2021/02/15/inteligencia-artificial-ressuscita-voz-de-cantor-morto-em-1996.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 23 nov. 2025.

NOGUEIRA, Ígor; BRAGA, Roberto. Marco da Inteligência Artificial é aprovado em Plenário e vai à Câmara. **Agência Senado**, 11 dez. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2024/12/marco-da-inteligencia-artificial-e-aprovado-em-plenario-e-vai-a-camara#:~:text=O%20Plen%C3%A1rio%20do%20Senado%20aprovou,Rodrigo%20Pacheco%2C%20presidente%20da%20Casa>. Acesso em: 23 nov. 2025.

NUNES, Mônica R. F.; CAMPIGLIA, Lucila M.; ABRÃO, Jorge A. M. Memória (do futuro), inteligência artificial e publicidade: 70 anos da Volkswagen no Brasil. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 49, n. 94, p. 158-170, 2024. DOI: 10.17058/signo.v49i94.18856. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/18856>. Acesso em: 23 nov. 2025.

PETER Jackson talks about making the beatles' last music video, “Now And Then”. “It was going to be far easier to do a runner.”. **The Beatles**, 31 out. 2023. Disponível em: <https://www.thebeatles.com/read-what-peter-jackson-says-about-making-beatles-last-music-video>. Acesso em: 23 nov. 2025.

PRESSE, France. Humanos não conseguem mais distinguir música gerada por IA de música real, diz pesquisa. **G1**, 12 nov. 2025. Disponível

em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2025/11/12/humanos-nao-conseguem-mais-distinguir-musica-gerada-por-ia-de-musica-real-diz-pesquisa.shtml>. Acesso em: 3 dez. 2025.

SACCHITIELLO, Bárbara. Elis e Volkswagen: como foi feito o comercial que mobilizou as redes sociais? **Meio & Mensagem**, 5 jul. 2023. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/comunicacao/elis-regina-volkswagen-comercial>. Acesso em: 23 nov. 2025.

SANTAELLA, Lucia. Cultura de plataforma e desafios à criatividade. In: RIBEIRO, Daniel Melho; ALZAMORA, Geane (org.). **Pensar a inteligência artificial: cultura de plataforma e desafios à criatividade**. Belo Horizonte: FAFICH/Selo PPGCOM/UFMG, 2023. p. 19-33.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**: o treinamento do ouvido musical. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Edunesp, 2001.

SPOTIFY. Como o Spotify se protege de streams artificiais. **For Artists**, 2025a. Disponível em: <https://support.spotify.com/br-pt/artists/article/third-party-services-that-guarantee-streams>. Acesso em: 23 nov. 2025.

SPOTIFY Reforça Proteções referentes à IA para Artistas e Produtores. **Spotify**, 25 set. 2025b. Disponível em: <https://newsroom.spotify.com/2025-09-25/spotify-reforca-protecoes-referentes-a-ia-para-artistas-e-produtores/#:~:text=A%20imita%C3%A7%C3%A3o%20vocal%20s%C3%B3%20ser%C3%A1,fraudulenta%20em%20servi%C3%A7os%20de%20streaming>. Acesso em: 23 nov. 2025.

THE BEATLES - Now And Then - (Official Music Video). [S. l.: s. n.], 3 nov. 2023a. 1 vídeo, 4 min 35 s. Publicado pelo canal The Beatles. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Opxhh9Oh3rg&ab_channel=TheBeatlesVEVO. em: 23 nov. 2025.

THE BEATLES - Now And Then - The Last Beatles Song (Short Film). [S. l.: s. n.], 1 nov. 2023b. 1 vídeo, 12 min 24 s. Publicado

pelo canal The Beatles. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=APJAQoSCwuA>. em: 23 nov. 2025.

VALENTE, Heloísa de A. D. **As vozes da canção na mídia**. Via Lettera; FAPESP, 2003.

VALENTE, Heloísa de A. D. Os grãos quase graúdos da voz- pontos e contrapontos sobre a performance do canto. In: VALENTE, Heloísa de A D; COLI, Juliana M.: **Entre gritos e sussurros**: os sortilégios da voz cantada. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 21-33.

VOZ de Freddie Mercury em Yesterday dos Beatles por IA. [S. l.: s. n.], 4 jun. 2023. 1 vídeo, 2 min 3 s. Publicado pelo canal Rachmaninov's Revenge. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=00aEhWU5cvQ&list=RD00aEhWU5cvQ&start_radio=1. Acesso em: 7 jun. 2026.

VW 70 anos | Gerações | VW Brasil. [S. l.: s. n.], 3 jul. 2023. 1 vídeo, 2 min. Publicado pelo canal Volkswagen do Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aMI54-kqphE&t=2s&ab_channel=VolkswagendoBrasil. Acesso em: 23 nov. 2025.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Escola de Música e Artes Cênicas. Programa de Pós-graduação em Música. Publicação no Portal de Periódicos da UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.